

O COMMERCIO DO MINHO

FOLHA RELIGIOSA, POLITICA E NOTICIOSA.

DIRECTOR, JOÃO MARQUES SOARES DE AZEVEDO

PREÇO DA ASSIGNATURA

12 mezes, com estampilha 2\$400—12 mezes, sem estampilha 1\$800—Brazil, 12 mezes, moeda forte 4\$200—Avulso 20 rs.

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS

PUBLICAÇÕES

Correspondencias partic. cada linha 40—Anuncios cada linha 20—Repetição 10 rs.—Assignantes, 20 p. c. d'abatimento.

BRAGA—30 DE MARÇO

ULTRAMAR

A queda do governo progressista tão celebrada pelo paiz, dos homens que teem amor pelas nossas possessões ultramarinas, apesar dos gravissimos erros da situação cahida, foi mais que sentida pela falta de um homem que de perto conhece as nossas necessidades em Africa, e esse homem foi o nobre visconde de S. Januario, a quem mais de uma vez tecemos elogios neste jornal, pelas acertadas medidas que tomava sempre em favor de nossos irmãos n'aquellas afastadas regiões.

Será difficil encontrar um vulto que como o visconde de S. Januario tão bem possa conhecer a nossa Africa, accudira-lhe com remedios efficazes e promover a boa administração das colonias.

Bem nos lembramos da portaria de s. exc.^a, prevenindo os incautos que não abandonassem a patria á procura de trabalho em Africa, sem que elle tivesse adoptado medidas afim de que os colonos achassem um tecto de abrigo n'aquellas inhospitas paragens, sem que podesse fornecer-lhes ferramentas agricolas com que explorassem aquelle inhospito terreno por meio do trabalho.

A imprensa fez graves accusações a todos os ministros demissionarios, accusações de que não fizemos ecco limitando sómente a atocar os novos impostos com que o povo não pôde e n'isso cumprimos um dever acima de todas as conveniencias, mas nunca accreditamos em accusações torpissimas que para ali vimos estampadas.

Preferiamos quebrar a penna a ter de as reproduzir como verdadeiras. Vergonha seria que portuguezes á frente do governo de uma nação fossem o que para ali se apregoava.

Mas o nosso fim n'este momento é só lembrar que para as nossas possessões é preciso escolher homens honrados intelligentes a quem seja entregue a sua administração e governo, e fazer conhecer aos que sonham em procurar fortuna n'aquellas nossas terras afastadas, o que podem actualmente encontrar em Africa. Para isso reproduzimos do «Mercantil» de Loanda, a seguinte correspondencia de Mossamedes com data de 18 de janeiro de 1881.

Eil-a:

«Este districto tem passado por uma série de calamidades de que, pôde-se dizer, só a Providencia Divina o tem salvo.

Em 1849 veio para aqui uma colonia cujos membros, cidadãos portuguezes, embalados por promessas e esperanças, abandonaram o Brazil onde se achavam, não diremos abastados de fortuna, mas tendo o necessario para viverem bem e com dignidade.

Chegados que foram a este districto então inteiramente inhospito, reconheceram esses martyres que tinham tido um instrumento de colonisação forçada, porque nenhum beneficio receberam que podesse disfarçar a triste desilusão que soffreram.

Acompanhados de familias numerosas, ainda que mal esquecidos da ventura que pouco antes gosavam, acharam-se esses tristes abraços com a miseria. Em volta de si viam seus filhos chorarem com a fome, suas esposas lamentarem-se comparando a sua situação presente com a que tinham no seio de suas familias. Era um quadro desolador e commovente, e elles, pobres colonos, alliando aquelles successivos desgostos aos que para si proprios presentiam, viviam acabrunhados, completamente abandonados, sem nenhum dos

auxilios que lhe haviam sido promettidos, e que os fizera conduzir á Africa.

Muitos d'esses colonos, para enganarem a fome a seus filhos, se viram na triste necessidade de conduzirem de algumas leguas de distancia, feixes de lenha que vendiam áquelles que, tendo sido seus companheiros de viagem, se achavam mais favorecidos pela fortuna.

Em 1850 nova colonia da mesma procedencia e tambem composta de portuguezes veio soffrer iguaes tormentos.

Continuamente viam esses tristes, desaparecerem-se de seu lado mortos de fome e de doenças, seus filhos, a quem consagravam ternura, não só a propria de paes, mas tambem a que se adquire na desgraça.

Subsidios, comestiveis, ferramentas e utensilios de lavoura etc., que lhe haviam sido promettidos e com que contavam, nada lograram obter. A má administração dos encarregados dos depositos destruiu as esperanças e com estas um melhor futuro em que vinham confiados.

Sobrava-lhes porém o amor da patria, e assim, alliando o amor da patria ao amor do trabalho, foram estabelecendo-se pouco e pouco, mas novos males, taes como continuos ataques gentilicos, tanto no interior do districto como nos suburbios d'esta villa, continuas secças, algumas de mais de quatro annos de duração, quotidianos roubos de gado e mortes de pastores pelo gentio etc., não deixaram que este districto chegasse ao grau de augmento e prosperidade que todos desejavam e esperavam.

Para cumulo de tantas desgraças, e quando os habitantes d'este districto se consolavam e agradeciam á Providencia, a maneira porque algumas auctoridades administrativas haviam feito conter em limites proprios os serviços, na transição do estado servil para o de livre, mudança

em que os indigenas nada mais tinham a lucrar do que a nova classificação, porque já de ha muito que n'este districto se considerava o indigena como homem livre, cumprindo-se sem muitas das disposições que esta trouxe, sendo a principal a do pagamento, para cumulo de tantas desgraças, repetimos, —vem o snr. José Bento Ferreira d'Almeida ex-governador d'este districto fomentar um mal que um seu antecessor o snr. Francisco Joaquim Ferreira do Amaral submettendo-se a um compromisso sério, evitou uma conflagração geral no districto por parte dos serviços.

O snr. Ferreira do Amaral com o passo energico que deu e de que infelizmente soffreu alguns desgostos, garantiu a Portugal a posse que ainda hoje tem, d'esta parte dos seus dominios coloniaes.

Felizmente, parece que Deus se condoeu de Mossamedes. Depois de todas as affrontas e vexames que praticou n'este districto o ex governador José Bento Ferreira d'Almeida e de que já se achavam cansados os seus habitantes, vem o ex.^{mo} snr. commendador coronel do exercito d'Africa occidental, Sebastião Nunes da Matta, nomeado governador d'este districto.

Louvores sejam dados ao exc.^{mo} snr. ministro da marinha e ultramar visconde de S. Januario, pela acertada e feliz escolha que fez do snr. commendador Matta para governador d'este districto.

O nome do snr. commendador Matta é tradicional em Angola. Ao mais lenquinhos pontos chegou a fama da sua coragem e valentia na guerra, do seu bom tacto para administrações coloniaes, e do recto juizo e prudencia que preside a todos os seus actos.

A chegada do snr. governador Matta a esta villa coincidiu com a chegada tam-

FOLHETIM

UM CAVACO

A PROPOSITO DOS JESUITAS

Que grandes máus que foram aquelles jesuitas do tempo d'el-rei D. Sebastião!

Maus e brutos ao mesmo tempo!

Pois não sabe o leitor que foram elles os que, de accordo com a inquisição (da qual eram amicissimos, segundo se vê da biographia do P. Antonio Vieira e de outros documentos) deturparam e mutilaram uma edição dos *Lusiadas* de Camões, dada á luz em 1584 por um tal Manuel de Lyra, provavelmente tambem jesuita?

Verdade é que não ha provas lá muito convincentes d'esta grande maldade. O snr. Innocencio F. da Silva diz que ella constava por uma tradição constante e invariavel (o quod semper, quod ubique etc.) e o snr. Antonio R. da Cruz Coutinho, antigo mercador de livros e litterato á ultima hora, da cidade do Porto, affirma que nunca se soube ao certo quem foram os auctores d'aquella obra vandalica, mas que se presume, pelo appoio que lhe deram, ter sido ordenada pelos taes jesuitas, que se julgaram offendidos pelos dizeres da estancia 119 do Canto X.

E isto nos basta, porque tratando-se de jesuitas, d'esses monstros com forma humana, podemos converter em realidade qualquer leve indicio ou suspeita de malficio, e ficarmos muito em paz com a nossa consciencia.

E depois, podemos tambem, sem escrupulo, formar qualquer conjectura, e fazel-a passar como certeza, porque aquelles *cavorros* tudo merecem. Assim é que o mesmo snr. Cruz Coutinho affirma a coacção exercida por elles sobre o censor Fr. Bertholameu Ferreira, aliás amigo de Camões, para o levarem a estampar á frente da tal edição de 1584, *sabe Deus com que vontade* (diz o snr. Cruz) uma approvação concebida nos termos seguintes:

«Vi por mandado do Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Arcebispo de Lisboa, Inquisidor geral d'estes reinos, os *Lusiadas* de Luiz de Camões, com algumas glosas, o qual elivro assim emmendado como agora vai, não tem cousa contra a fée e bõs costumes, e pode-se imprimir. E o autor mostrou n'elle muito engenho e erudição.—Fr. Bertholameu Ferreira».

Já se vê que uma monstruosidade d'estas só podia ter logar por insinuação dos jesuitas! sendo só para admirar que em logar de muito engenho e erudição, não forçassem o censor a escrever—*muita tolice e ignorancia*... o que talvez fosse exacto se se tratasse dos escriptos d'alguns litteratos, que nós conhecemos...

Mas o que sobretudo convence de haverem sido os jesuitas os que prepararam a tal edição dos *Lusiadas* de 1584 são umas notas, que ahi se lêem, e que foram concebidas n'este gosto:

«E a piscosa Cizimbra, e juntamente. (Lusiad. III, 47).

«Chama-se piscosa porque em certo tempo se ajunta alli grande quantidade de piscos para se passarem a Africa».

«Peras pyramidaes etc. (Lusiad. IX, 59).

«Pyramides eram uns edificios, que os Romanos usavam da feição de uma péra. Eram largos em baixo, e para cima se iam estreitando, até fazer uma ponta delgada».

Ora é cousa assás obvia, que estes disparates pyramidaes só podiam sahir da penna de um jesuita, gente ignorante e estúpida, que nem sabia a significação do adjectivo latino *piscosus*, nem tinha ouvido jámais fallar nas pyramides do Egypto!

Não vos parece, leitor amigo?

Qual seria porém a razão porque os jesuitas votaram tamanho odio á obra immorttal de Camões?

Uma cousa muito simples, e que se está mettendo, como lá dizem, pelos olhos dentro. Camões escrevera no seu poema a estancia seguinte:

«E vós outros que os nomes usurpais De mandados de Deus, como Thomé, Dizei, sa sois mandados, como estais Sem irdes a prégar a santa Fé? Olhai que se sois sal e vos danais Na patria, onde propheta ninguem é, Com que se salgarão em nossos dias (Infieis deixó) tantas heresias?»

O facto é qua a ninguem cabia menos

a censura aqui formulada pelo poeta, do que aos jesuitas, que não só andavam espalhados por todas as nossas conquistas prégando o Evangelho, mas eram mesmo os adversarios mais audazes da heresia, e de quem os hereges d'então (como os livres-pensadores de hoje) mais se temiam.

Mas que querem? Os jesuitas—dil-o o snr. Cruz Coutinho, e tanto nos basta—teimaram em encaixar na cabeça a carapuça, que aliás lhes não servia, e eil-os ahí, cheios de raiva, a mutilar, a deturpar e a anotar asnicamente a tal edição dos piscos! Tudo por feroz vingança!...

Credat judeus!...

E o mais bonito é que aquelles *lôrpas*, amputando, corrigindo e castigando a seu talante o poema dos *Lusiadas*, deixaram todavia ficar intacta a celebre oitava 119 do Canto X, que lhes accendêra as iras e lhes inspirara uma tão atroz como parvoa vindicta!...

A consequencia de tudo isto é que, ou os jesuitas eram os mais insignes mentecaptos de todo o mundo, ou os que hoje, enfrontados em criticas, lhes attribuem a edição miseravelmente viciada dos *Lusiadas* de 1584, teem todo o jus a que se lhes estampem na frente os bem conhecidos versos do Tolentino:

Se não és tolo, és velhaco,
E talvez que sejas tudo.

O leitor sincero que decida a questão como melhor entender.

José Joaquim.

bem aqui de nove boers vindos pelo interior do districto e que faziam parte de grande numero de familias que estavam em viagem para este districto, vindos do Transwal. Era o fim d'elles tratar com o governo portuguez do estabelecimento que desejavam fazer, d'uma colonia n'este districto.

O snr. governador Matta, de tal fórma se houve na soluçãõ d'este negocio e tal confiança emittiu n'aquella gente que hoje na Humpata, concelho da Huilla, se estão estabelecendo cincoenta e cinco familias boers compostas de perto de quinhentas pessoas.

O snr. governador Matta alli se acha ha quasi um mez acompanhado do agricultor, agrimensor do districto, o snr. Antonio Acacio d'Oliveira Carvalho, afim de assistir ao estabelecimento da nova colonia, procedendo á mediçãõ dos terrenos para agricultura e povoaçãõ, feitura de residencia para auctoridade portugueza que o snr. governador alli deseja collocar.

A nova colonia denomina-se—S. Januario.

Acham se muito animados os habitantes d'este districto depois da chegada do snr. governador Matta e do estabelecimento da colonia S. Januario e só desejam que o exc.^{mo} snr. ministro da marinha e ultramar se digne de continuar a dispensar protecçãõ a este districto, olhando por um prisma real e não pelas informações de algumas auctoridades despeitadas.

Lucio de Oliveira.

Antonio Ribeiro de Saraiva

Temos por este nosso correligionario o maior respeito e veneraçãõ.

A sua longa idade e os grandes e valiosos serviços prestados á santa causa legitimista, já como diplomata experiente e experimentado, já com a penna de esclarecido escriptor são recommendação bastante para não duvidarmos de suas crenças religiosas e politicas e para nós não é um soldado que milita no campo legitimista, mas um general de cuja bravura seria um crime duvidar.

Mas o snr. Saraiva, afastado como está ha longo tempo de Portugal, não admira que desconheça em parte os meios que é preciso empregar para conservar unido em Portugal o grande partido legitimista, e não é com correspondencias como a de s. exc.^a para o «Pombalense», n.º 193, que poderá fazer triumphar uma causa que muito do coração desejamos.

O snr. Saraiva não approva as exequias mandadas celebrar pelos legitimistas para suffragar a alma da virtuosa Esposa do Senhor Dom Miguel de Bragança, e ralha muito com o nosso collega a «Nação», por este jornal ter publicado os artigos que os demais periodicos liberaes tem escripto sobre a sentida morte da Esposa do Principe que representa todas as nossas mais santas aspirações.

Diz o snr. Saraiva—que o espalhafato de umas exequias annunciadas—que todo mundo sabe não sam mais que uma affectação politico-religiosa.—é mais outra homenagem, outro trophéo, de que muito se lisongeiãõ os dominantes Filibusteiros, dupes do renegado Imperador primeiro do Brazil, e afilhados da amavel Quadrupla Alliança, e dos estúpidos conselheiros intrigantes, que perdêram a El-Rei D. Miguel I; e a nós.

As commemorações annuaes, igualmente, com estudada affectação, de publicarem-se os nomes dos Senhores e Senhoras que assistiram, é outra demonstração e celebração do triumpho da Filibusteira que ahí domina para vergonha e ruina de Portugal.

Em vez de isso aborrecer e incommodar os maçonicos e afilhados da Quadrupla, lavam-se elles (com a affectada celebração) em agua de rosas. Os seus cumprimentos não significam outra coisa senão isto:—«Veja-se como e quanto somos liberaes e generosos que até deixamos aos nossos adversarios, que testemunhem, que exemplifiquem elles proprios a nossa nobre tolerancia e magnanimidade!»

Quanto a nós somos de opinião diversa de s. exc.^a

Como legitimistas nada temos que agradecer aos liberaes que só praticaram um acto de justiça em exalçar as virtudes da virtuosa Princesa fallecida; mas como jornalista era mais que um dever de cortesia agradecer essas manifestações

por parte da imprensa liberal, era uma obrigação, e a «Nação» cumpriu-a como devia.

Deixamos de tocar em outros pontos da correspondencia do snr. Saraiva, que de certo ferem alguns legitimistas respeitaveis.

Desejavamos que s. exc.^a, não fosse tão severo.

E' verdade que o partido legitimista, em Portugal, se tem deixado cahir em certa inacção que muito o tem prejudicado e porisso somos de opinião que é preciso trabalhar com perseverança e união.

J. Azevedo.

Ao «Constituinte»

Este nosso collega, em seu n.º 73, acudiu á ultima local que lhe endereçamos.

Faz umas considerações em termos de civilidade menos correctas, a que não responderemos, porque o não merecem; dirige-nos quatro perguntas, a que satisfaremos, porque desejamos esclarecel-o; e considera a nossa posição na imprensa por medo, que merece o necessario correctivo, porque é conveniente dar uma lição ao jornalista, que se esquece do que é.

Mas sobre os pontos da accusação nem palavra; pede apenas esclarecimentos que já tem nas suas e nossas columnas. Não os recusaremos.

Pergunta o collega: 1.º—quem é o sacerdote a quem nos temos referido, que foi ameaçado pelo «Constituinte» e que não receia d'este nem confrontos, nem retaliações; 2.º—que insensatez proferiu o «Constituinte»;—4.º, finalmente, que documentos falsificou?

Ao 1.º: o sacerdote é Monsenhor Rebello de Menezes, como se vê do n.º 54 do «Constituinte» onde se lê:

«E não faz bem (o «Commercio do Minho») porque não lendo, ao que parece, a representação, de que se trata, attribue-lhe intensões que ella não tem e isto sob umas fórmãs insidiosas, que nos parecem pouco dignas da origem fidalga e christã d'onde vem. Ha de arrependder-se, verã; e tomarã ensinamento para outra vez não fallar nem escrever de ouvido. Por enquanto ficaremos por aqui; e pouco disposto a consentir, que se illuda o publico e abuze da sua boa fé, qualquer que seja a fórma de que para isso se sirva, seja quemquer que fór. Fiquemos entendidos.»

Todos sabem, que Monsenhor Rebello de Menezes tem sido um dos mais estrenuos combatentes contra as pertenções dos amigos do «Constituinte» na questão do novo seminario; sabe-se tambem, que tem escripto muitas vezes para este jornal sobre diversas questões de utilidade religiosa; e ninguém ignora, que é de nobre linhagem e que se gloria de ser um chistão dedicado aos interesses da Igreja.

A quem, se não a elle, se dirige aquella ameaça? Se o «Constituinte» o negar, ficaremos vingados.

Continuamos a affirmar, que este sacerdote exemplar não receia do padre capataz do «Constituinte» nem confrontos nem retaliações. Se quizer, que lhe apresentemos um quadro curioso onde avultam claros e escuros, realice a sua ameaça; diga quanto tem a dizer; mas diga o francamente, em publico e não nos seus conventiculos, para que nós possamos completar o quadro. Partiu do «Constituinte» a ameaça; é elle, pois, que deve lançar na tela as primeiras tintas da sua palheta.

Ao 2.º, 3.º e 4.º responderemos com o que dissemos em o nosso n.º 1192. Dissemos e repetimos hoje:

«Em o n.º 58 diz: «se fica estabelecido o precedente (de promover uma representação contra a que adheriu á camara municipal sobre a questão das pertenças do novo seminario), não poderá calçar a camara a rua das palhotas, nem illuminar a rua do Pae Amante, se alguem se lembrar de mandar—fazer uma assignatura—pelas aldeas do concelho ou do arcebispado contra as deliberações dos vereadores! Os lavradores e jornaleiros a opporem-se a... melhoramentos de Braga, tem graça.»

Aqui ha insensatez impropria da illustração do «Constituinte», porque suppõe que qualquer representação impõe o veto ás deliberações da camara municipal; ha

deturpação dos factos, porque pretende convencer de que só os lavradores e jornaleiros assignarão a contra-representação, e porque intenta mostrar que a questão da alienação das pertenças do novo seminario é apenas local, sendo certo, que importa a todo o arcebispado, a beneficio do qual já foram concedidas pela regia portaria de 3 de julho de 1878; ainda ha, segundo nos parece, nas poucas palavras que transcrevemos, a malevola intenção de affirmar melifluamente, que os cavalheiros que promoveram a assignatura da contra-representação não de commetter a indignidade de firmar com seu nome uma representação, só porque a isso foram mandados.

Em seu n.º 57 diz: «recebemos pelo correio uma publicação com o titulo de Verdade e Embuste... tem por fim... esclarecer o publico d'esta cidade sobre o assumpto de uma representação, que uma das partes mais importantes dos cidadãos de Braga e mais qualificada pelos seus titulos litterarios dirigiram ha poucos dias a S. M. por intervenção da camara dos dignos pares, adherindo ás representações da camara municipal e ás informações das auctoridades superiores do districto, pedindo que seja concedido em nome da moralidade publica e dos melhoramentos d'esta cidade, o arco chamado do Collegio, pertença do extincto convento das Ursulinas.»

Tambem altera aqui os factos, porque a representação do seu constituinte não foi dirigida a S. M. mas sim á camara dos dignos pares, como se vê do seu contexto e do n.º 58 do proprio «Constituinte»; e tambem porque na alludida representação não se pede somente o arco chamado do Collegio, mas conjuntamente uma parte da cerca contigua á antiga capella de S. Paulo, como se vê da mesma representação.

Talvez o collega observe, que não sabe quaes foram os documentos que falsificou. Não temos duvida em o esclarecer mais uma vez.

No seu n.º 64 diz o «Constituinte» em polemica com a «Ordem», depois de se esforçar por demonstrar, que este jornal de Coimbra não havia transcripto fielmente as suas palavras:

«Como vêem os nossos leitores, os redactores da «Ordem» são falsificadores de documentos, porque o nosso jornal é um documento como qualquer outro.»

Segundo esta theoria, que nos parece d'uma rigidez muito propria do rigido caracter dos redactores do «Constituinte» e que não devem estranhar que lh'a apliquemos, este nosso collega tambem é falsificador de documentos; porquanto, falsificou a representação promovida pelo seu cliente, como se vê da ultima parte da citação que acabamos de fazer do nosso n.º 1192; e porque falsificou a representação promovida pelos amigos do Exm.º Prelado, pois em o nosso n.º 1193 dissemos o que se segue e que ainda não foi nem poderá ser contestado pelo collega:

Diz o «Constituinte»:

«1.º—não passom pela cabeça de ninguém representar á camara dos pares pedindo a transferencia do seminario do logar, em que está hoje, para o mesmo logar d'onde veio. E contudo, assim se dizia n'uma contra-representação, que ahí correu e acompanhada d'uma proclamação alarmantel.»

Não é exacto que tal se dissesse na contra-representação e emprazamos o collega a citar as palavras d'este documento, que prõem a sua cathorica affirmativa.

«2.º—nem uma palavra ha na representação... a respeito da capella da Senhora da Torre, e da torre chamada do Relogio. E comtudo na contra-representação e na proclamação affirmava-se o contrario.»

Tambem não é verdade e provocamos o collega a que cite as palavras da contra-representação, que demonstrem o que affirmou.

E não são as representações alludidas uns documentos?

Agora o correctivo ao jornalista, que se não préza e que pertende dar lições de moralidade. Diz o «Constituinte» sem que o tivessesmos provocado a estas baixezas:

Que temos feito da nobre missão jor-

nalista (uma asneira, segundo a phrase constituinte) antes um modo de vida que um apostolado civilizador;—que permittimos, que nas nossas columnas se transcrevem opiniões contrarias e oppositas;—que consentimos, que os nossos colaboradores se guerrem e classifiquem de mais ou menos *hortodoxos* (duas asneiras n'uma só palavra, segundo a phrase constituinte),—e que finalmente, todos conhecem os fins que temos em vista e comprehendem os meios de que nos servimos para levar a agua ao nosso molinho.

Saiba o correcto, o immaculado, o santarrão «Constituinte», que o «Commercio do Minho» nunca lucrou um ceitil com a sua publicação e que ainda não ha muito perdia todos os annos uma somma mui consideravel. O «Constituinte» não comprehendestes pezados sacrificios, que mui livremente faz a digna proprietaria do «Commercio do Minho» para ser util á causa da religião e da legitimidade. Não comprehendem, não, porque os redactores do «Constituinte» por motivos de dinheiro já descompozaram em publico o chefe *moido* do seu centro politico e se arrastaram pelos cartorios e tribonaes.

N'estas columnas ha tolerancia até certos limites. No «Constituinte» porém, quem não fór politico e catholicão da laia do snr. padre capataz do «Constituinte» não tem entrada e se lhe despedaga a penna em nome da liberdade radical do partido.

N'esta pendencia os nossos fins são manifestos; é desmascarar o jornal das insinuações perfidas e dar-lhe em publico uma lição. Prezamos um adversario, que nos encara; detestamos o cobarde, que nos apunhala pelas costas. Os meios de que usamos são a lealdade e a clareza, como os nossos leitores tem observado.

Aqui lhe deixamos largo campo; não fuja d'elle; póde n'elle *debater* se á vontade; só depois terão logar as divagações. Pedia-nos esclarecimentos, exigimos, que fossamos explicitos, como quem quer discorrer largamente sobre o que lhe for enviado. Ahí tem tudo o que exigiu; póde discorrer, mas não acumule questões sobre questões. Evitemos dedaloes de Creta.

A' ultima local do «Constituinte» que principia = *Esperava-mos* — (uma asneira, segundo a phrase constituinte) nada responderemos por ora.

Publicamos gostosamente o discurso que o joven alumno do Collegio de S. Luiz, Heitor Correa da Silva Sampayo, pronunciou no sarau litterario-religioso, que teve logar no dito collegio no dia 19 do corrente.

Eil-o:

O Christianismo e o Progresso

Meus Senhores:

Não ha livro, panfleto ou jornal onde se não depare com a palavra progresso. Ella é o leme da actualidade, a estrella polar, a deusa que sorri aos espiritos que blasonam de sabios, o vehiculo que apinhõa as multidões, que as agita, é como que a vara magica, que tange todos os emprehendimentos. *Le monde marche*, clamou Pelletan, e o echo d'esta voz repercutte-se no gabinete do sabio, como na mansarda da ignorancia, nas cumiadas e nos couvalles, no throno da grandeza e no gravato da indigencia.

Progresso, Progresso! Tal é a voz unanime do ultimo quartel do seculo XIX.

A falsa sciencia aferrou-se a ella julgando-a o raio potente que deve talar todo o passado e ao mesmo tempo saudou-a como o grande meio de regeneração social; e a verdadeira sciencia ouviu-a com um sorriso, mas não a podia saudar por ter sido sua companheira d'infancia.

A falsa sciencia entendeu que o progresso era ideia nova e incompativel com a religião, e a verdadeira sciencia accentuou-a como a genuina expressão e filha legitima do christianismo, adduzindo como provas irrefragaveis os principios e doutrinações do sympatico Filho de Maria.

Meus senhores, que o christianismo é o verdadeiro elemento e a soluçãõ do problema do progresso, vamos proval-o a traços succintos.

Progredir é caminhar d'um ponto para outro mais elevado, a palavra o exprime: é avançar d'um estado menos perfeito para outro mais perfeito: o progresso, pois, opera-se entre dois polos, entre dois pontos fixos; esta asserção é uma verdade de primeira intuição; mas a falsa sciencia

cia dogmatizando o progresso indefinido, intenta derrocal-a não percebendo a pronunciada contradição em que labora, porque se o progresso é indefinido não tem limites e portanto progredir é caminhar sem destino, sem termo de descanço, é tender ao nada: o progresso concebido d'esta arte é absurdo; quem progride aperfeiçoa-se e quem se aperfeiçoa tem por limite e modelo a perfeição.

Quem será o verbo sublime do progresso, a sciencia ou o christianismo?

A sciencia creando e perfilhando o progresso indefinido não o pôde ser como vimos, logo é o christianismo: sim, senhores, o verdadeiro progresso consiste no desenvolvimento harmonico das faculdades do espirito humano na escala da perfectibilidade que tem por limite a posse de Deus: o verdadeiro progresso está pois na aproximação relativa do nosso ser á perfeição absoluta. Este progresso só o realisa o christianismo.

XIX seculos rolaram já sobre o abysmo do passado desde que uma cruz encimou o Calvario; n'ella soffreu as tribulações da mais desapiadada morte o Filho de Deus, que baixando ás cryptas de Belem viera regenerar a humanidade, iniciando a verdadeira linha do progresso e legando os elementos que o deviam fomentar em todas as epochas e removendo os obices que então se lhe oppunham.

Em verdade, senhores, Jesus Christo conclama ás trevas que pairaram 4:000 annos sobre a terra—basta—não mais reinareis e, espadanando luz sobre o espirito da humanidade, traça-lhe a norma, aponta-lhe a vereda que devia seguir e indigita-lhe como prototypo de verdade e luz a verdade por essencia—DEUS.

Jesus Christo desce com suas doutrinas ás cavernas do coração humano, desperta e radica os nobres sentimentos que lá jaziam embryonarios, estiolados e manietados pelas paixões aviltantes; quebra os grilhões, que amarravam o sentimentalismo á crapula do vicio e eleva a alma a uma esphera de dignidade e nobreza que jámais atingira, enebriando-a com o perfume das virtudes que elle lhe inoculára pela palavra e exemplo. A vontade humana que vive na abjecção dos desejos, que se revolvia no ceno da immoralidade, que inheria só ás affecções terrenas e impuras como a hera se prende á parede decrepita, a verdade que não nutria uma aspiração sublime, Jesus Christo lhe abriu um ambiente de nobres anhelos, apontando-lhe para o céo, como séde dos objectivos mais excelsos que podiam atrahil-a e lisongeal-a.

Já vêdes, senhores, que o nosso espirito foi regenerado plenamente: a intelligencia que até então boiava n'um mar de duvida ao ludíbrio de opiniões que se succediam com fixidez, repousa na verdade e cobra alento depois de improficuas e longas labutações; a sensibilidade que não passava d'um monturo indigno do homem oscilla depois nas plagas d'um sentimentalismo sublimado; a vontade até então escrava das paixões eleva-se aos paramos celestias.

Demais, senhores, Jesus Christo espesinha as algemas que avinculavam o homem á escravatura bradando—*liberdade e fraternidade!*... E o pobre que até alli servia de pasto á ambição e de estrada á opulencia guiada-se ao nível do rico que ficou sendo seu irmão.

O escravo que até alli era o ente mais desgraçado que povoava a terra—que era o homem com direitos sonogados e frustrados pelos grandes senhores, concentra-se, admira-se, reconhece-se na plana dos que lhe conculcaram seus direitos e aviltaram seu ser; e levanta a cerviz, defronta com o seu senhor e clama-lhe—sou teu igual! E dardejando-lhe sarcasmos aos direitos d'uma vassalagem iniquamente arrogada diz—sou livre.

E a tyrannia enthronizada e coroada sente desempunhar o sceptro, vê desmorronar o reducto d'absurdo em que se fundara e cabe de golpe lethal.

A mulher, senhores, esse ente destinado a ser o anjo do lar, o sorriso da ventura, o balsamo do soffrer, o lenitivo do infortunio, a companheira do homem em paridade de direitos e deveres era, antes de raiar o christianismo sobre os horisontes toldados da terra, simplesmente considerada como mero instrumento de satisfação dos instinctos do homem animal; o christianismo a elevou e lhe restituiu o que uma falsa sciencia e uma sociedade enervada lhe haviam roubado.

Os verdadeiros elementos do progresso são verdade e virtude, e quem pôde pleitear competencias com o christianismo n'este ponto?

Sim, senhores, a verdade e virtude vasadas nas sciencias, artes e industrias, em summa traduzidas em todo o viver social, são a realisação do verdadeiro progresso.

Não nos deixemos fascinar com as apparencias do progresso material, não extasiemos perante a perspectiva das grandes invenções modernas e seus melhoramentos; o verdadeiro progresso não está só no material, é mister que lhe corresponda o moral sem o que será não só infructifero, mas até nocivo: o progresso material está para o moral como o corpo para o espirito: se o progresso material não fór o instrumento do moral, então esse progresso é femantido por não ser a expressão genuina da desenvolução harmonica das faculdades animicas.

O christianismo, senhores, procura e fomenta o progresso material, mas de geito que seja como a exteriorisação do progresso moral, pois que só n'este sentido pôde chamar-se verdadeiro, e se o progresso material não serve como de meio para mais avantajados progredimentos do espirito, não é progresso, mas retrocesso; porque se converte em meio de embotar as faculdades e fazer tresmalhar a alma das avenidas da verdade, bem, justiça e belleza que são as normas do verdadeiro progresso, a estrella polar de todos os que albergam no imo d'alma as crencas dulcissimas da immortalidade e vida futura.

A falsa sciencia não comprehende a verdadeira ideia do progresso, porque lhe não traça limite, onde os trabalhos envidados para o realisar deixem de existir, refocilando com o descanço as locubrações transactas.

O progresso da falsa sciencia é contradictorio, pois consagrando-se todo á acquisição de commodidades, é elle o fardo mais pesado que pôde idear-se, pois não offerta treguas aos trabalhos que porisso se tornam insuportaveis.

O christianismo é a verdadeira alavanca do progresso alumado pelas luzes celestes e alforado pelas bençãos de Deus: o verdadeiro progresso tem por estandarte a Cruz, por esteio o Evangelho, por norma os seus preceitos e ensinamentos, por orgão a Igreja, por caudilhos os santos e por leme a vida d'Aquella que no ultimo suspiro nos legou tão sublime ideia coherida á instituição da sua Igreja.

O progresso que se retemperar n'estas fontes, satisfizer a estas condições e se remodelar por estes principios, será o verdadeiro progresso e tudo o mais não passa de palavras, cujo sentido se não alcança, e não tem realidade nem applicação compativel com o ser intimo das sociedades, cuja ruina ameaça.

Disse.

GAZETILHA

PREVENÇÃO

Pedimos aos nossos illustres assignantes que deixem de enviar em sellos o importe de suas assignaturas, em virtude de a Directoria Geral dos correios ter ordenado que estes se não troquem nas diversas directorias do reino.

Façam, pois, suas remessas em valles do correio, ou por outra qualquer via.

Lausperenne.—Expô-se amanhã o Sagrado Lausperenne na igreja dos Terceiros.

Procição.—Sabbado á noite tem de ser conduzida da Real Capella de Santa Cruz para a igreja do Seminario dos Apostolos a Imagem de Nosso Senhor dos Passos.

No domingo sairá a procissão na forma do costume dos annos anteriores percorrendo a Via Sacra.

E' uma das procissões mais imponentes que se costumam fazer n'esta cidade.

A direcção dos caminhos de ferro do Minho e Douro promette bilhetes de ida e volta a preços reduzidos.

Miserere.—Depois de recolhida a Imagem do Senhor dos Passos na igreja do Seminario, haverá *Miserere* a instrumental no Passo de S. Miguel o-Anjo.

Theatro.—A companhia do theatro Baquet parece que se prepara para vir dar algumas recitas no nosso theatro, passadas que seja a Quaresma.

Faz parte d'esta companhia a distincta actriz Emilia Adelaide.

E' de uma cana.—A *Peixeirinha* da terra em polemica com o «Amigo do Povo», não pôde ter-se que não terminasse tal arenga sem exclamar:

«Sois collegas do «Comercio do Minho», quereis o *obscurantismo*».

Não queremos, não, meninos da *Peixeirinha*, e pena temos de não ver, n'este seculo de luzes em que tudo caminha a vapor, levardes os *fogareus* de quinta-feira Santa, para illuminardes toda esta cidade, que vos daria os merecidos apupos.

Coitados!
O *doirado*, como maior, devia pertencer ao mais *pequeno*.

Demissões.—O exm.º governador civil, visconde de Pindella, e o sr. dr. José Jorge Soares Russel, administrador do concelho, pediram já a sua demissão.

Cabeça quebrada.—Ante-hontem desabou um pedaço de beiral de um telhado na rua de Sapateiros, partindo a cabeça a um pobre homem que ficou mal tratado.

Mais de um predio tem alli os telhados a desabar, pelo que pedimos providencias afim de não se repetirem d'estes desastres.

Adiamento.—Segundo noticiam da capital, as sessões das camaras foram adiadas para 30 de maio.

Morrer a rir.—A *Peixeirinha* diz que ha de morrer a rir.

Que pena!
E ella que vendia tambem o seu peixinho quando a barquinha progressista navegava em mar de rosas....

Emfim ha muita gente que perde a cabeça com certos desares.

Elle sempre ha almas tão pequeninas....

Relatorio.—Recebemos e agradecemos o da Associação Commercial de Beneficencia, em Braga.

Infelizmente ainda é prospero o estado d'esta benefica associação, pois que todo o seu fundo monta apenas á quantia de 3:150\$630 reis.

Os verdadeiros liberaes.—O correspondente do Porto para o «Jornal do Povo», de Oliveira d'Azemeis, diz que na sexta-feira 18 de março, foram distribuidos novos convites para que os *verdadeiros liberaes* se reunissem no Passeio das Virtudes (Porto), e fossem depois á igreja de S. João Novo, mostrar o seu *desagrado* ao prégador que se sabia ir alli expender doutrinas pouco salutareis, (palavras d'elle). Ficamos sabendo que os *verdadeiros liberaes* são os garotos que vão para as portas dos templos fazer assuadas e escarnecer da sacrosanta doutrina catholica.

Quem quizer obter carta de *verdadeiro liberal* deve pois dirigir-se ao tal correspondente que se assigna com as iniciaes O P, que nos parece podermos traduzir:

O *Parvotio*.

E' assim um nome um pouco *abrelanhado*.

Açafate de costura.—Recebemos o n.º 9 do 2.º anno d'esta publicação quinzenal.

Eis o sumario:

Adorno para veu bordado a preto.

Ponta para manta de senhora.

Medalhão para travesseiro.

Dito para toalha.

Tiras de bordado a branco.

Letra ornamentada.

Caprichos para bordar a branco.

Crochets para coberta de cama, pano de meza, etc. etc.

Reverso: Continuação de quatro alphabets.

Um novo para lençol.

Dous novos para lenço.

Um monogramma para lençol.

Um nome para lenço e uma letra ornamentada.

75 victimas de incendio.—Ha pormenores do espantoso incendio que destruiu o theatro de Niza.

Representava-se a «Lucia». Cerca das 8 horas da noite, no momento em que principiava o primeiro acto, os artistas viram-se de subito envoltos em chammias, e ouviu-se uma forte detonação produzida pela ruptura de um cano de gaz.

O publico, aterrado, affloiu em tropel ás portas. Temos a exceptuar o dos andares superiores, que não vingou fugir. As labaredas chegavam ao tecto, as luzes apagavam-se, e o clarão sinistro do incendio augmentava o pavor.

O numero das victimas ascende a setenta e cinco. Uma familia composta de cinco individuos e o baixo Bottoni morreram asphyxiados.

Junto a uma das portas, encontraram-se tres cadaveres estreitamente abraçados: eram pae, mãe e filho, e este ultimo conservava na mão uma laranja.

Muitos dos coristas pereceram queimados pelas chammias.

Dos espectadores, morreram uns por causa de queimaduras, outros esmagados ou asphyxiados na precipitação da fuga, e outros lançando-se das janelas abaixo.

Succumbiram muitas creanças.

A prima-donna Bianca Donadio salvou-se a muito custo. Acabava de trajar-se no camarim para entrar no primeiro acto, quando rebentou a explosão do gaz; fugiu pressurosamente pelas trazeiras do edificio.

A's 3 horas da noite, foram trasladados os cadaveres para a igreja de S. Francisco de Paula, aonde acode muita gente a reconhecer os parentes e amigos.

Todos os gremios de Niza organisaram subscripções para attender ás despezas dos funeraes e ás familias das victimas.

A população está consternadissima.

Movimento do Hospital de S. Marcos.—Doentes existentes em 20 de março de 1881: 99 homens e 103 mulheres.

Entraram durante a semana finda: 33 homens e 23 mulheres.

Sahiram: 22 homens e 21 mulheres.

Falleceram: 2 homens e 3 mulheres.

Ficaram em tratamento em 26 de março: 108 homens e 104 mulheres.

Na mesma semana:

Consultaram no Banco 73 pessoas.

Curaram-se no mesmo 45 ditas.

Preço dos cereaes.—Na terça-feira ultima, nesta cidade, o preço dos cereaes foi:

Trigo	760
Milho alvo	570
Centeio	430
Milho branco	400
Milho amarello	380
Cevada	520
Feijão vermelho	640
» branco	580
» amarello	520
» rajado	440
» fradinho	440
Batatas	360
Azeite (almude)	4\$400
Vinho (pipa)	19\$000

ANNUNCIOS

Arrematação

Pelo juizo de direito d'esta comarca e cartorio de Ribeiro, no dia 3 do proximo mez d'abril, por 10 horas da manhã, á porta do tribunal judicial, sito no largo de Santo Agostinho, d'esta cidade, se tem de proceder á arrematação das propriedades abaixo declaradas, as quaes serão pelo maior lance que fór offerecido acima de sua louvação, as propriedades penhoradas a Antonio Vieira Soares e mulher da freguezia de Gualtar, d'esta comarca, para pagamento da execução que lhes move o bacharel João Barbosa de Mendonça Magalhães, d'esta cidade, na qualidade de unico herdeiro e representante de sua finada tia D. Rosa Adelaide Teixeira de Barros, cujas propriedades são as seguintes:

Uma morada de casas e eido junto, sitas no lugar de Bauros, freguezia de Gualtar, avaliada em trezentos desonove mil e quarenta reis. O campo da Porta, no referido lugar e freguezia, avaliado em oito centos vinte oito mil duzentos e trinta reis. Um predio denominado o Pradinho, no dito lugar e freguezia, avaliado em cento sessenta e oito mil duzentos e quarenta reis. O campo da Horta, no dito lugar e freguezia, avaliado em quatro centos tres mil seis centos oitenta reis, por isso todas as pessoas que nas mesmas quizer lançar, poderão comparecer no dito dia hora e local designado.

Braga 23 de março de 1881.

O Escrivão

João Marcos d'Araujo Ribeiro.

Verifiquei a exactidão.

Adriano Carneiro de Sampaio.

(774)

Vende-se uma morada de casas de 3 andares, sita no Largo de S. Miguel-o-Anjo, n.º 16. Para tratar com João Barbosa Guedilhão, no mesmo largo n.º 9. (761)

